

Trinta mil estudantes vão às ruas

Luiz Fernando Gomes

Sem política e sem violência. Com essa idéia na cabeça e uma energia de fazer inveja ao mais resistente dos maratonistas, eles saíram de todo lugar. Pulando roleta de ônibus, enchendo os trens do metrô mas, principalmente, a pé. Crianças de até 10 anos, adolescentes secundaristas. Os universitários, quem diria, eram irrisória minoria. Foram quase 10 horas de manifestações — contra a liberação das mensalidades — que levaram às ruas do Rio cerca de 30 mil estudantes de quase todas as escolas particulares da cidade. Do Méier a Copacabana, da Gávea a Madureira.

Foi uma verdadeira operação-arrastão. Alunos de um colégio pegavam os de outro e um rio de gente se formava em direção ao ponto de ônibus ou à estação mais próxima do metrô. Em Copacabana, eram menos de 50, no início, em frente ao Colégio Impacto. Cruzaram Ipanema, Leblon, e encontraram na Praça do Jôquei com uma outra passeata que saía da Gávea. Quando chegaram ao Humaitá, mais de 5 mil pessoas já haviam se incorporado ao protesto. Sempre sob aplausos de quem via tudo de cima e jogava papel picado das janelas dos edifícios.

Apesar da organização — houve até uma fila certinha para entrar no metrô, colégio por colégio, aluno por aluno —, a marca ali era a espontaneidade. Sem as calças jeans desbotadas do militante estudantil de 68, o uniforme de guerra foram

as bermudas e camisetas coloridas, a mochila invariavelmente pendurada nos ombros. As meninas não dispensavam o batom de cores fortes, um contraste intencional com a pele queimada de sol.

Lideranças, é verdade, também não faltaram. Em Botafogo, por exemplo, foi a turma do Souza Leão que tomou a iniciativa. Tendo à frente Samara Sampaio, 16 anos, a garotada percorreu, um por um, os 13 colégios do bairro. Em pouco tempo eram 6 mil estudantes e nem o pessoal do conservador Santo Inácio — Bento Moreira Franco, o filho do Governador, inclusive — conseguiu resistir ao embalo. E todo mundo caiu na rua, gritando palavras de ordem, cantando *Legião Urbana* e *Ultraje a Rigor*, até se encontrar com outro grupo, de 4 mil pessoas, que viera do Catete passando por Laranjeiras e Flamengo.

Embora com menos gente, as manifestações da Zona Norte não deixaram por menos na dose de animação. Do Méier, saíram de ônibus 300 secundaristas que não tomaram conhecimento das roletas e desceram na Praça Saenz Peña com o furor de quem sai do Maracanã, em dia de decisão, com seu time campeão. No meio do caminho, contaram até com uma ajuda inesperada: um passageiro que puxou uma arma e ameaçou a trocadora que tentava impedi-los de viajar sem pagar. O homem desceu um ponto a frente, sem que ninguém soubesse quem era. E, já na Tijuca, a manifestação foi engrossada por 350 alunos das escolas do bairro que desde às 7h ocupavam as ruas.

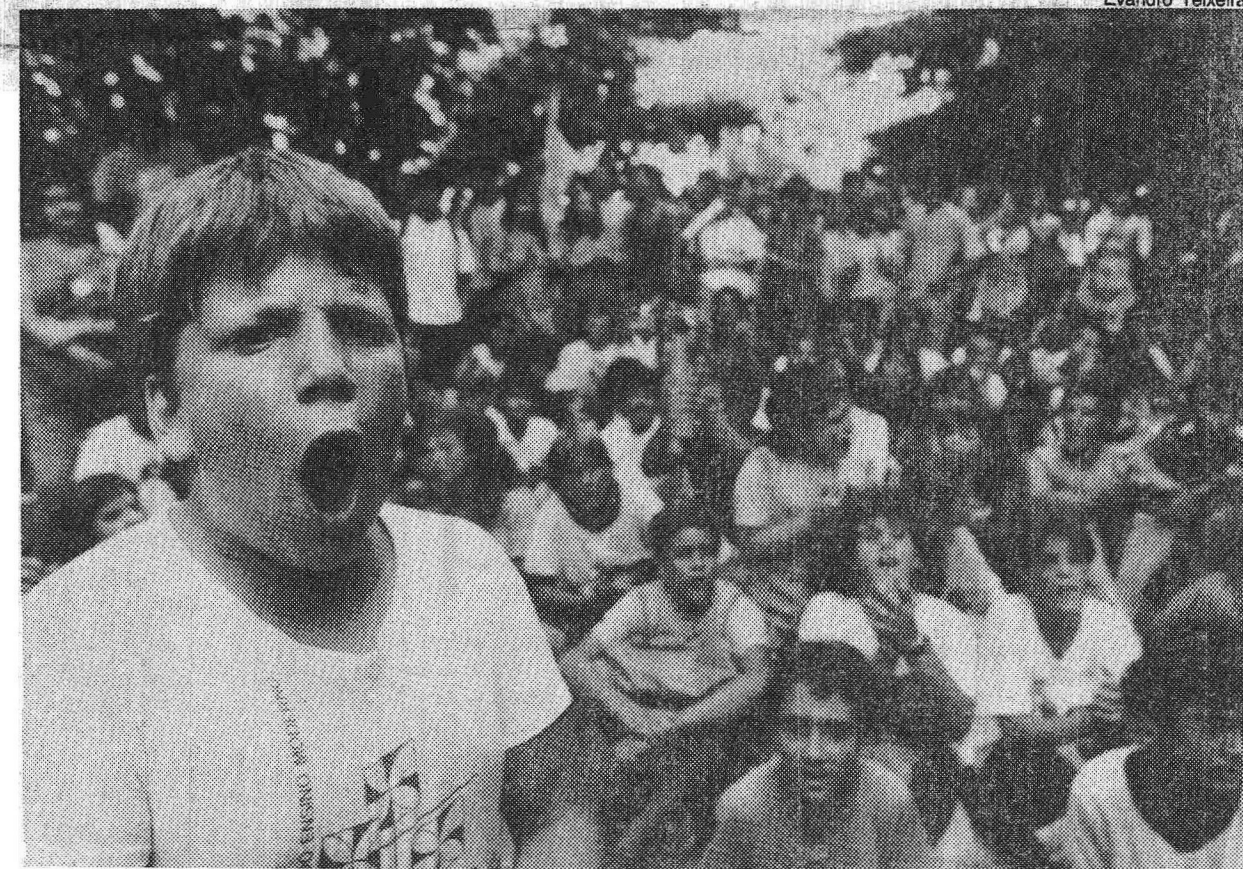
No início da tarde, no Centro, passeata é que também não faltou. Da Cinelândia para o MEC, do MEC para o Ministério da Fazenda e em todo o caminho de volta, eles pareciam incansáveis, às vezes rodando em círculos, como se o movimento apenas começasse. Nem a queda de um andaime no saguão do MEC — que feriu oito pessoas — foi capaz de esfriar os ânimos.

Foi a chegada de um carro de som, aliás — cedido pela CUT e o Sindicato dos Bancários — que acabou acirrando uma polêmica no movimento. Um grupo, principalmente lideranças da Zona Sul, hesitou muito em aceitar a oferta, temendo que os sindicalistas politizassem o ato e acabassem manipulando os estudantes. Mas o reforço acabou aceito e pouca coisa mudou. Se a intenção da CUT foi mesmo a de manipular simplesmente perdeu a viagem: o repúdio aos políticos foi tamanho que até o deputado Carlos Minc (PV) foi vaiado. O presidente da AMES, Wladimir Valadares, foi supercontestado ao propor uma invasão do MEC.

Também contribuiu para a calma, o comportamento amistoso da PM. A ordem do Palácio Guanabara — de que as crianças eram intocáveis — foi cumprida à risca pelos policiais que acompanharam a tudo de longe. O único incidente mais violento do dia, na verdade, aconteceu em Botafogo, logo cedo, quando um ônibus da empresa Real avançou sobre os manifestantes. Um garoto quase foi atropelado e, em represália, o veículo teve um de seus faróis quebrados pelos manifestantes. Também, ninguém é de ferro...



Uma das faixas reproduzia a frase de Francelino Pereira, quando presidia a Arena



Evandro Teixeira

Custódio Coimbra